



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

WILLIAM CARLOS DANTAS DOS SANTOS

O ARPÃO OBSESSIVO: *MOBY DICK* E A VINGANÇA DE AHAB

Guarabira – PB
2011

WILLIAM CARLOS DANTA DOS SANTOS

O ARPÃO OBSESSIVO: *MOBY DICK* E A VINGANÇA DE AHAB

Artigo apresentado em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Letras, à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.

Orientador: Prof^ª Dra. Sueli Meira Liebig

Guarabira – PB
2011

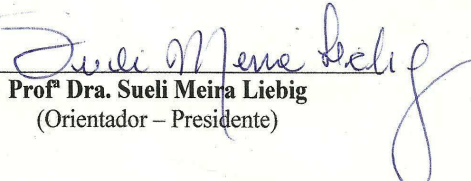
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

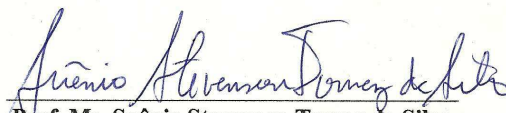
S237a	Santos, William Carlos Dantas dos
	O arpão obsessivo: Moby Dick e a vingança de Ahab / William Carlos Dantas dos Santos. – Guarabira: UEPB, 2011.
	23f.
	Artigo - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba. “Orientação Prof. Dr. Sueli Meira Liebig”.
	1. Romantismo Americano 2. Vingança 3. Distúrbios Psíquicos I.Título.
	23.ed 813


WILLIAM CARLOS DANTAS DOS SANTOS

O ARPÃO OBSESSIVO: *MOBY DICK* E A VINGANÇA DE AHAB

COMISSÃO EXAMINADORA


Prof^a Dra. Sueli Meira Liebig
(Orientador – Presidente)


Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva


Profa. Ms. Monaliza Rios Silva

Aprovada em 21/11/2011

Guarabira – PB
2011

RESUMO

O presente artigo terá como objeto de estudo as consequências das ações inconsequentes movidas pela obsessão de sede de vingança do capitão Ahab (Acab) devido a perda de sua perna no romance de Herman Melville, *Moby Dick*. Este será analisado sob uma perspectiva psicanalítica, com base em estudos nos Dicionários Internacional de Psicanálise (www.enotes.com, 2011) e Psicologia (Duarte e Mesquita, 1996), Revista Brasileira de Psiquiatria (2000), em sites especializados baseados na teoria de Sigmund Freud e Carlos Byington, 1988, dentre outros. Pertencente ao romantismo americano, a obra tornou-se uma das mais importantes peças literárias de seu tempo, e porque não dizer dos nossos dias, já que mostra, entre muitas outras coisas, a vida dos marinheiros da época, suas dificuldades e aventuras, tornando-se para muitos um manual de sobrevivência em alto mar. *Moby Dick* narra as aventuras de um navio baleeiro nos mares gelados do norte e a obsessão de seu capitão, Ahab, em busca de vingança pela perda de sua perna em uma de suas caçadas à baleia branca, Moby Dick. Todos os acontecimentos giram em torno dessas duas personagens, narradas pela personagem Ismael, único sobrevivente a bordo do baleeiro Pequod. A obsessão de Ahab por vingança o faz esquecer-se dos valores ético-morais, do companheirismo, da compaixão e do amor pelo próximo, pondo em risco toda a sua tripulação para atingir seu único objetivo, matar a baleia branca.

Palavras - chave: Romantismo Americano. Obsessão. Vingança. Distúrbio Psíquico.

ABSTRACT

This article deals with the consequences of the inconsequent actions developed by Captain Ahab's obsession due to loss of his leg on the Melville's novel *Moby Dick*. The work is analyzed here under a psychoanalytic perspective, based on studies in *International Dictionary of Psychoanalysis* (www.enotes.com, 2011) and *psychology* (Duarte and Mesquita, 1996), *Journal of Psychiatry* (2000), drawn upon studies by Sigmund Freud and Carlos Byington, among others. Belonging to American romanticism, the work became one of the most important pieces of its age, and why not to say of our own days, since it illustrates, among other things, the lives of the Nineteenth Century's mariners, their difficulties and adventures, standing for many a kind of surviving manual in high seas. *Moby Dick* narrates the fate of a whaling ship in the frozen Arctic Sea waters, having as background the obsession of the ship's captain, Ahab, in search of vengeance for the loss of his leg in one of his hunting parties for the sperm whale *Moby Dick*. All the happenings aboard gravitate around these characters, narrated by Ismael, the only survivor in the *Pequod*. Ahab's obsession for revenge makes him neglect ethical and moral values, companionship, mercy, and love for other people, putting the whole crew under risk just to attain his sole objective, to kill the white whale.

Key-words: American Romanticism. Obsession. Vengeance. Psychological Disorders.

1. INTRODUÇÃO

Nosso objeto de estudo será a obsessão por vingança levada às últimas conseqüências por Ahab no romance *Moby Dick* (1851), do escritor americano Herman Melville. Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss (HOUAISS, 2007), o termo traz as seguintes definições: “suposta apresentação repetida do demônio ao espírito”; “apego exagerado a um sentimento ou a uma idéia desarrazoada”; “motivação irresistível para realizar um ato irracional; compulsão”. As duas últimas definições serão valorizadas neste trabalho por acharmos mais pertinentes ao perfil psicológico da personagem e à coerência do seu entendimento, o que contribuirá para direcionarmos o nosso estudo rumo à compreensão da sua psique. O Dicionário Internacional de Psicanálise (www.enotes.com, 2011) define a obsessão como: “termo que se refere a imagens, idéias, ou palavras que se impõem em matéria de consciência contra a sua vontade, e que momentaneamente privá-los da capacidade de pensar e às vezes até mesmo de agir”. Partindo desse entendimento, buscaremos explicações no dicionário de Psicologia (Duarte e Mesquita, 1996), Revista Brasileira de Psiquiatria (2000), em sites especializados baseados na teoria de Freud e em Carlos Byington, 1988, para compreendermos a natureza dos fatos que desencadeiam o comportamento de Ahab.

O navio Pequod é um verdadeiro representante da diversidade cultural do mundo, já que leva a bordo, marinheiros de várias nacionalidades e etnias. A maneira com que esses marinheiros se relacionam é interessante, pois eles trocam experiências e trazem dos seus lugares de origem suas lembranças, seus costumes, suas religiões e etc. É a maneira que cada um tem de encarar o mundo e as dificuldades da vida. Podemos perceber esses detalhes facilmente ao longo da narrativa, porém nos ateremos mais especificamente nas conseqüências das ações impensadas do herói, que são movidas por um sentimento de vingança tão profundo que desconhece o medo e a preocupação da tripulação com relação à sua integridade física. A questão será abordada sob o ponto de vista psicanalítico, para tentarmos compreender os mecanismos que desencadeiam as ações irracionais de Ahab enquanto comandante da nave e apontarmos, portanto, as desastrosas conseqüências das suas atitudes. Pretendemos mostrar ainda que situações como esta, acontecem no nosso dia-a-dia e ocorrem constantemente em nossas vidas. A obsessão e o egoísmo de Ahab acabam levando à morte praticamente todos os marinheiros do Pequod (apenas um sobrevive), que perdem suas vidas em troca de uma caçada insana que só tem sentido para Ahab. Desta forma, podemos inferir que a partir de interesses individuais como o do capitão, pode-se levar à ruína toda uma nação ou iniciar-se uma guerra por motivos banais, onde na verdade só quem sai perdendo é a

nação e não as pessoas que as provocam. *Herman Melville* foi muito feliz quando escreveu *Moby Dick*, porque a obra pode ser analisada sob muitos aspectos. O leitor pode extrair do romance e explorar inúmeros temas e tipos de abordagens, caso tenha um bom discernimento, como por exemplo, as questões da alteridade, da religiosidade, da hierarquia, do preconceito, da persuasão, da solidão, enfim, de inúmeras outras facetas que o compõem. Mas nenhuma delas se compara, a nosso ver, ao tema do distúrbio obsessivo da personagem central por vingança. Cada detalhe, seja ele técnico ou não, faz-nos pensar que estamos presentes a bordo do navio, sentindo na proa o frio das águas geladas do oceano, sendo sinestésicos a ponto de ficarmos mareados com o balanço do mar, mas, sobretudo apavorados com as conseqüências das ações do perturbado capitão.

2. OBRA E AUTOR

Publicada em 1851 em Londres, *Moby Dick*, foi a maior obra de Herman Melville, escritor americano do período romântico. Essa verdadeira obra prima do séc. XIX, considerada por inúmeros estudiosos como um dos romances mais importantes da literatura ocidental, colocou Melville em um patamar privilegiado na literatura universal. Até hoje é reconhecida pela comunidade literária. Mas esse reconhecimento demorou a chegar, porque ele foi muito criticado assim que a obra foi lançada, durante a Era Vitoriana, por parecer apenas relatos de aventuras marítimas. Por tratar de temas mais complexos e elaborados, Melville, enfrentou seu pior momento e teve seu trabalho desvalorizado. Caído no esquecimento, não chegou a ver sua obra ser reconhecida como “obra-prima”, pois faleceu antes de desfrutar desse prazer. Mas, aproximadamente setenta anos depois, o tempo tratou de lhe dar o devido reconhecimento.

Além de colocar experiências de suas viagens marítimas em *Moby Dick*, Melville foi influenciado principalmente por uma das mais importantes narrativas de Edgar Allan Poe (1809-1849): *O relato de Arthur Gordon Pym*. Entretanto, Poe não viveu para ler *Moby Dick*, pois viria a falecer em 1849, dois anos antes do lançamento do livro.

Herman Melville dedicou *Moby Dick* ao seu amigo Nathaniel Hawthorne, que com ele formaria mais tarde um importante par dentro da intelectualidade norte-americana da época. Em uma fase de definição da identidade estadunidense, quando a estética romântica dominava o Novo Mundo, a ética da sua literatura fez eco ao bardo de Walt Whitman (1819-1892) e sua busca quase religiosa pela essência das coisas e dos homens. Estudiosos da literatura norte-americana viriam a chamar Hawthorne, Whitman e Melville - assim como outros escritores da

Nova Inglaterra de então - de “transcendentalistas”, por conta do viés religioso e por vezes messiânico da sua literatura, que buscava através das letras uma conexão de bondade, compaixão, sentimento de amor onipresente e virtude com todo o Universo; conforme se vê em:

Somente a partir das primeiras décadas do século XX é que a obra de Melville seria reavaliada em uma escala de importância, renovando o prestígio do autor. Como toda a sua literatura é perpassada pela busca da perfeição do homem e pela constante luta entre o Bem e o Mal, a crítica da segunda metade do século XX viu em Melville um precursor do existencialismo, e o escritor francês Albert Camus chamou-o de “O Homero do oceano Pacífico”. Antes ou depois de Melville, nunca a idéia de retidão moral foi tão atraente, justificada e ou transcendente (<http://www.lpm.com.br>, acesso em 20/07/2011).

3. CONCEITUANDO O TERMO “OBSESSÃO”

Tentaremos nos ater a algumas definições do termo *obsessão* para compreendermos melhor as ideias aqui defendidas em torno da Psicanálise, ciência responsável pelo estudo dos mistérios do subconsciente humano, desenvolvida a partir do final do século XIX pelo estudioso e médico alemão Sigmund Freud, de maneira que possamos entender os fatos que decorrem do comportamento obsessivo do capitão Ahab.

O Dicionário Eletrônico Houaiss (2007) nos dá as seguintes definições do termo *obsessão*: 1.“suposta apresentação repetida do demônio ao espírito”; 2.“apego exagerado a um sentimento ou a uma idéia desarrazoada”; 3.“motivação irresistível para realizar um ato irracional; compulsão”. Essa primeira definição, que é defendida por Alan Kardec, não nos interessa nesse artigo, por que foge à nossa compreensão e ao entendimento dos interesses aqui relacionados. As outras duas definições nos interessam porque compartilhamos da mesma idéia e a nosso ver são mais plausíveis. Já o Dicionário Internacional de Psicanálise (2011), baseado na teoria de Freud, se aprofunda mais, obviamente, e a define como:

The term obsession refers to images, ideas, or words that force themselves into the subject's consciousness against their will, and which momentarily deprive them of the ability to think and sometimes even to act. The term is derived from the Latin *obsidere*, which means "to sit before," "to lay siege to," and figuratively "to control an audience." From this is derived the noun *obsidio*, which means "detention," or "captivity," and figuratively "a pressing danger."

(www.enotes.com – acesso em 19/03/2011)

Por sua vez, o Dicionário de Psicologia (MESQUITA; DUARTE, 1996) é mais sucinto e define a obsessão como: “Permanência de uma idéia/ preocupação”. Mas, Ambos os dicionários não divergem entre si.

Para dar mais ênfase às definições apresentadas acima, vejamos também a definição de obsessão encontrada na *Revista Brasileira de Psiquiatria*, que não diverge das demais:

Obsessões podem ser definidas como eventos mentais, tais como pensamentos, idéias, impulsos e imagens, vivenciados como intrusivos e incômodos. Como produtos mentais, as obsessões podem ser criadas a partir de qualquer substrato da mente, tais como palavras, medos, preocupações, memórias, imagens, músicas ou cenas.
(*Revista Brasileira de Psiquiatria* - 2000)

Podemos dizer que todos nós temos um conhecimento prévio a respeito de alguns assuntos e em muitas ocasiões, às vezes por impulso, damos nomes aos comportamentos das pessoas, mesmo sem saber se estamos certos ou não, por exemplo: quando conhecemos uma pessoa que quer muito alguma coisa, nós a chamamos de obsessiva, e não estamos tão enganados, mesmo sem ter conhecimento de psicanálise ou psicologia, já que é um termo muito popular entre as pessoas. Assim, podemos dizer que essa idéia de obsessivo tem a ver com desejo exagerado por algo e está dentro das definições a que se refere Houaiss (2007).

Não podemos, entretanto, confundir a obsessão com o transtorno obsessivo-compulsivo, pois este só se torna problemático quando a pessoa perde o controle de suas emoções e a faz transformar-se, em princípio, único em sua vida, uma ideia fixa na cabeça, esquecendo tudo o que existe à sua volta, uma motivação irresistível e irracional, passando para um estado clínico considerável grave e se tornando um obsessivo-compulsivo.

Diante de tais conceitos podemos dizer que a obsessão é algo que nos prende a uma ideia fixa e direcionada, tornando-nos reféns do nosso próprio desejo exacerbado, tornando-nos egoístas a ponto de nos acharmos o centro do mundo.

4. TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO

Traduzido para o português, o termo seria “transtorno ou desordem mental”, baseado nas teorias de Freud, trata dos transtornos mentais. O transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) seria classificado como:

Obsessive-compulsive disorder (OCD) is currently classified as an anxiety disorder marked by the recurrence of intrusive or disturbing thoughts, impulses, images or ideas (obsessions) accompanied by repeated attempts to suppress these thoughts through the performance of certain irrational and ritualistic behaviors or mental acts (compulsions) (www.minddisorders.com – acesso em 18/04/2011).

O transtorno obsessivo-compulsivo é, desta forma, um transtorno mental formado por componentes como as *obsessões*, que se fundamentam de pensamentos, impulsos ou imagens

mentais, como vimos anteriormente. E as *compulsões*, que são comportamentos repetitivos que a pessoa se sente obrigada a executar em resposta às obsessões.

Os pacientes diagnosticados com TOC, é importante salientar, não executam suas compulsões por prazer ou satisfação. Seus comportamentos compulsivos os tornam ligados a um pensamento obsessivo, visto que o comportamento diminui o grau de ansiedade produzida pela obsessão. Poderemos dizer que o capitão Ahab se enquadra como um compulsivo-obsessivo porque, em determinados momentos do romance, ele deixa de corresponder à realidade, cego e dominado pela sede obsessiva de vingança, ele acaba tomando uma decisão suicida ao levar toda a tripulação à morte, inclusive a sua própria, mesmo sabendo que de tal maneira isso fatalmente aconteceria.

5. A OBSESSÃO DE AHAB

Sendo o principal personagem do romance, de onde surgem as maiores ações que influenciam e enriquecem diretamente o enredo, Ahab é uma personagem intrigante, polêmica e dotada de emoção. Contextualizando o significado do nome *Ahab* (Acab), poderemos antecipar o que esperamos da personagem durante o enredo. Melville diz que Ahab foi o rei de Israel que mais desapontou a Deus com o seu comportamento e em uma das passagens do romance, o capitão Peleg faz menção ao significado do nome *Ahab*: “É um rei muito mau. Quando esse rei perverso foi morto, os cães não lhe lamberam o sangue” (MELVILLE, 1998, p.107).

Podemos dizer que se há um final trágico para a tripulação do Pequod, essa tragédia se dá pela obsessão de vingança do nosso herói, o capitão Ahab. É dele toda responsabilidade pela morte de sua tripulação, inclusive a sua, pois após mais uma caçada às baleias pelos altos mares gelados, enfrentou o pior momento de sua vida, que viria a mudar para sempre o seu futuro e seu comportamento. Moby Dick não é uma baleia comum, mas um incrível animal com características marcantes, que jamais um marinheiro poderia esquecer. Uma baleia de cor branca inconfundível, que aterrorizava a todos como símbolo da morte com sua cor pálida, sem vida, que se notava a metros ao fundo do mar, como um ponto de luz em um quarto escuro. Sua cabeça disforme amedrontava quem a enfrentava, pois apresentava marcas de batalha de caçadas com outros navios, que afundavam após o confronto com ela.

Ahab é um homem bom e corajoso que desperta os mais sinceros elogios e admiração dos que têm o prazer da sua convivência. Sua tripulação o tem como um Deus. É destemido e não foge dos perigos que os mares proporcionam. É um líder como poucos, justo e exigente,

sua palavra deve ser atendida imediatamente, pois não gosta de ser contrariado. Podemos perceber esses detalhes na fala do Capitão Peleg ao fazer descrições de Ahab a Ismael:

É um homem curioso o capitão *Acab*, assim pensam alguns. Mas, é um homem bom. Oh! Gostarás dele, não te preocupes, não te preocupes. É um grande ímpio, um homem que parece um deus. O capitão *Acab* não fala muito, mas quando fala vale a pena escutá-lo. É bom que fiques prevenido. *Acab* é um homem fora do comum. Tanto pode estar entre senhores como entre canibais, está acostumado às maiores profundidades das ondas; cravou a sua lança feroz em inimigos mais estranhos e poderosos do que as baleias. A sua lança! Sim, é a mais pontiaguda e segura de todas as da nossa ilha. Oh! Não é o capitão *Bildad*, nem o capitão *Peleg*, é *Acab*, rapaz, e *Acab* no mundo antigo, deves saber, foi um rei! (MELVILLE, 1998, p.107).

O sofrimento de Ahab e seu distúrbio obsessivo se dão a partir da perda de sua perna esquerda, após um duro confronto com Moby Dick, a baleia branca, jurando vingança até ver seu objetivo alcançado: a morte da baleia. Em certa parte do romance Ismael pergunta ao capitão Peleg se o comandante Ahab perdeu a perna devorada por uma baleia:

“– O senhor quer dizer que ele perdeu a outra perna por causa de uma baleia? – Perdida por causa de uma baleia! Aproxima-te, rapaz, escuta: foi devorada, mastigada, triturada pela mais monstruosa das baleias que já fez em pedaços um bote! Ah! Ah!” (MELVILLE, 1998, p.99).

Após esse episódio, *Ahab* não é mais o mesmo. Cego de vingança, ele perde os valores que o fizeram um homem e capitão respeitado por todos, tornando-se refém de sua obsessão vingativa.

Havia assim pouca razão para se duvidar de que, desde aquele encontro quase fatal, *Acab* nutria um sentimento selvagem de vingança contra o cetáceo, deixando-se dominar cada vez mais por ele e caindo na monotonia desvairada que o levou a identificar com o cachalote branco tanto os seus males corpóreos como a suas exasperações intelectuais (MELVILLE, 1998, p.199).

Nada mais importa do que ver morta a baleia que dilacerou sua perna. Em uma das explicações do capitão Peleg a Ismael, ele faz menção ao seu novo comportamento:

Sei o que é; um homem bom; não é um homem piedoso como *Bildad*; e um homem bom gosta de blasfemar, um pouco à minha maneira. Somente há nele algo mais. Sim, sim, sei que nunca foi muito alegre. Sei que na viagem de volta esteve um pouco fora de si, mas isso era devido às dores que sentia na perna amputada, como todo mundo pode ver, pois desde que perdeu a perna na última viagem, por causa daquela maldita baleia, tem modos esquisitos, maneiras que se assemelham às vezes às de um selvagem (MELVILLE, 1998, p.108).

O capitão torna-se um homem sem compaixão, egoísta ao extremo de não enxergar mais o mundo ao seu redor. Tomemos como exemplo o desesperado pedido de ajuda feito pelo capitão de outro baleeiro para que Ahab suspenda suas atividades por um breve período e o ajude a procurar o filho perdido em alto mar. Ignorando o código de ética existente entre os capitães dos navios e suas tripulações, que prevê solidariedade recíproca entre estes quando

estão em dificuldades em alto mar, o insensível Ahab ignora totalmente sua súplica de socorro do transtornado pai:

- Meu filho, meu filho está com eles. Pelo amor de Deus, rogo-lhe, suplico-lhe... - implorou o capitão forasteiro a Acab, que até então ouvira friamente o seu pedido... - ofereço-me para fretar o seu navio por quarenta e oito horas apenas... apenas quarenta e oito horas. Tem que fazê-lo... e fará (MELVILLE, 1998, p. 600).

A recusa de Ahab de prestar solidariedade ao colega causa indignação geral, não só por parte das pessoas do outro navio, como também da sua própria tripulação:

- Basta! – gritou Acab. – Não toquem sequer um cabo. – e logo, modulando prolongadamente cada palavra, acrescentou: - Capitão Gardiner, não o farei. Agora mesmo estou perdendo tempo. Adeus! Adeus! Que Deus o abençoe, homem, e queira perdoar-me! Tenho de ir. Senhor Starbuck, olhe o relógio da bitácula e dentro de três minutos, a partir deste instante, previna a todos os visitantes de que devem abandonar o navio e em seguida bracear outra vez. E que o navio siga seu rumo. (MELVILLE, 1998, p.601)

Sem querer acreditar no comportamento de Ahab perante suas súplicas de socorro, o capitão Gardiner fica desolado com a frieza e insensatez do velho capitão:

(Ahab) Voltou-se apressadamente, escondendo o rosto descendo para o camarote, deixando o outro capitão trespassado de dor com a sua negativa incondicional e inexorável a uma súplica tão ansiosa. Saindo do seu espanto, Gardiner, dirigiu-se silenciosamente à amurada, desceu para o bote e voltou ao seu navio. (MELVILLE, 1998, p.601)

Tripulação e navio, que fazem de um capitão toda fama e fortuna, são agora a família de Ahab - pois passa mais tempo com eles do que sua família propriamente dita - são as partes mais importantes para um capitão. São eles que tornam possíveis os sucessos da viagem e de suas caçadas. Para o obcecado Ahab, eles são apenas meros instrumentos para atingir o objetivo de seu arpão obsessivo: caçar e matar a baleia, a todo preço, sem dó e nem piedade de quem quer que seja para chegar a esse fim. Para os homens do Peaquod, o que antes era orgulho, agora se transforma em medo e desconfiança:

Entretanto, Starbuck, fossem quais fossem os seus pensamentos íntimos, nada disse e limitou-se a transmitir tranquilidade as ordens necessárias; enquanto que Stubb e Flask – que pareciam compartilhar dos seus sentimentos em certo grau – assentiram igualmente sem murmurar. Quanto aos marinheiros, Alguns dos quais resmungaram em voz baixa, o terror que Acab lhes causava era do que o temor que olhes inspirava o destino. Como sempre, os arpoadores pagãos permaneciam quase indiferentes; e se se impressionavam, isso foi devido unicamente a certo magnetismo que o coração do inflexível Acab lhes transmitira aos corações simpatizantes. (MELVILLE, 1998, p.585)

Em outro momento, mais uma prova da perda de admiração e da confiança antes depositadas no enlouquecido capitão:

Assim como o furacão que varre a planície a gente foge da vizinhança de algum olmo gigantesco e solitário, cuja altura e força o tornam por isso mesmo mais inseguro, por oferecer um alvo maior aos raios, assim também, ao ouvir as últimas palavras de Acab, os marinheiros se afastaram dele com terror e desalento.

(MELVILLE, 1998, p.574)

Em outra parte do texto, *Ahab* expõe toda sua raiva, rancor e ódio por *Moby Dick* ao fazer uma oferta a toda a tripulação para que o ajudem a matar a fera. Entendemos que é nesse relato que ele inicia o seu plano e sua obsessão aflora. Vendo a chance de cativar toda a tripulação a compartilhar da sua dor e ideia de vingança, assim se dirige aos subordinados:

– Aquele que dentre vós anunciardes uma baleia branca, de fronte enrugada e queixada retorcida, qualquer de vós que me levantar esse cachalote de cabeça branca, com três furos na parte de estibordo da cauda... prestai atenção! Aquele que levantar esse cachalote terá esta onça de ouro! (MELVILLE, 1998, p.197).

Em outra ocasião o próprio Ahab fala com ódio sobre a perda de sua perna para toda a tripulação, numa tentativa oportunista de fazer com que todos se sensibilizassem com a sua causa, uma chantagem emocional para tentar cristalizar a ideia de matar *Moby Dick*:

Quem te disse isso? – gritou Acab, mas deteve-se logo. – sim, Star Buck, sim, meus queridos: escutai todos. Foi *Moby Dick* que me desmasteou. Foi *Moby Dick* que obrigou a apoiar-me sobre este cepo morto onde me ergo agora. Sim, sim – gritou ele com um soluço alto, terrível como o de um alce ferido. – Sim, sim, foi essa maldita baleia branca que me destruiu, que fez de mim um pobre perna-de-pau para toda a vida! – Depois, agitando ambos os braços com imprecações desmedidas, gritou: – Sim, sim! Vou persegui-la em torno do cabo da Boa Esperança, em torno do cabo Horn, em torno de Maelstrom norueguês, em torno das chamas do inferno, antes de me dar por vencido. E foi para isso que embarcamos, marinheiros! Para caçar a cachalote branco de ambos os lados da terra e de todos os lados do globo, até que lance um jato de sangue negro e role com a barbatana de fora. Que dizes, marinheiros! Selaremos agora o pacto com um aperto de mão? Penso que sois valentes! (MELVILLE, 1998, p.198).

5.1. AHAB: UM HERÓI BYRONIANO?

Diante dessas facetas do caráter de Ahab e já que traçamos uma linha em torno da sua personalidade, podemos enquadrá-lo como um herói tipicamente byroniano, por apresentar algumas características estabelecidas por Lord Byron ao distinguir seu tipo de herói. De acordo com dados encontrados no artigo de Maria Cavalcante sobre “A presença do byronismo na produção literária de Álvares de Azevedo”, podemos enfatizar algumas características marcante dos heróis byronianos:

O primeiro foi o que melhor divulgou o mito byroniano, por meio de obras como *Childe Harold's Pilgrimage*; *The Corsair*; *Lara*; *Parisina*; *Mazepa* e principalmente *Manfred*. Com essas obras ele compôs o seu herói romântico: um ser

demoníaco e fatal, sombrio e misterioso, de feições belas e pálidas, capaz de expressar paixões violentas e sentimentos terríveis (CAVALCANTE, 2009, p.3).

Além de ser um personagem idealizador, porém imperfeito e exemplificado, o herói byroniano exibe normalmente as seguintes características:

- ✓ Alto nível de percepção e inteligência;
- ✓ Esperto e portador da habilidade de adaptação;
- ✓ Educação e sofisticação;
- ✓ Introspecção e autocrítica;
- ✓ Magnetismo, Mistério, e carisma;
- ✓ Esforçado com a integridade;
- ✓ Poder de atração sexual e sedução;
- ✓ Dominância social e sexual;
- ✓ Tendências bipolares ou de humores, conflitos emocionais;
- ✓ Desapego as normas ou instituições sociais;
- ✓ Estar em exílio, em estigma social ou fora-da-lei;
- ✓ Atributos "negros" que não são normalmente associados a um herói;
- ✓ Desrespeito a privilégios e as hierarquias;
- ✓ Passado problemático;
- ✓ Desapego a bens materiais e externos (Cinismo) e Gosto pela simplicidade;
- ✓ Comportamento autodestrutivo.
- ✓ Arrogância;

Não podemos dizer que Ahab possui todas essas características, mas algumas delas são bem marcantes, como: Alto nível de inteligência; conflitos emocionais, tendências bipolares ou de humores; passado problemático; arrogância; comportamento autodestrutivo e etc. Essas são algumas que podemos perceber em primeira mão, mas que poderíamos acrescentar dentre outras: o grande poder de persuasão e manipulação.

Para contextualizarmos mais ainda o fato dos heróis byronianos serem personagens tão marcantes e ricos em seus enredos, veremos uma passagem de uma tese de doutorado da professora Maira Angélica Pandolfi da UNESP, que em um dos tópicos abordados em sua tese, trata as “Representações do herói byroniano na literatura espanhola e na literatura brasileira do século XIX”. Ela estuda outro romance e outra personagem, mas a semelhança é tanta, que parece estar falando do nosso herói Ahab:

Sancho Saldaña é a fusão do herói fáustico com o herói byroniano, pois além de apresentar o debate interno entre o bem e o mal também se veste com as principais características do herói byroniano: o mistério, a revolta e a morbidez (PANDOLFI, 2006, p.182).

Uma personagem incrivelmente semelhante a Ahab, segundo as características de Lord Byron citadas acima, é o herói da trama de *Wuthering Heights* (O morro dos ventos uivantes) de autoria da escritora inglesa Emily Brontë. Assim como Ahab, Heathcliff é frio e calculista, não mede as consequências para atingir seu objetivo. Atormentado, obsessivo e vingativo, sentimentos tão fortes em sua personalidade que chegam a beirar a loucura.

Outro personagem da literatura universal é Victor Frankenstein, do clássico literário *Frankenstein* de autoria de Mary Shelley, dominado pela sua obsessão, não por uma obsessão vingativa como a de *Ahab* e Heathcliff, mas uma obsessão pela a busca do inexplorado, pelo rompimento dos limites do conhecimento, pela criação da vida, por querer provar que o impossível é possível. Victor, ao querer provar sua tese de criar a vida em laboratório, não se importa com ninguém a sua volta, desrespeita os limites da moralidade e da ética, enfrenta a desaprovação das leis dos homens e da igreja, totalmente cego de obsessão, abdica da sua vida em sociedade, esquecendo-se da família e da sua própria imagem, perdendo a noção do que é certo e errado. Afunda em desespero e arrependimento depois de perceber que o que tinha criado não atinge as suas expectativas, dando vida a um monstro, fruto da inconsequência dos seus atos, da sua obsessão. Assim como *Ahab*, Victor Frankenstein sofre as consequências da sua falta de humildade, não ouve os conselhos daqueles que estão lúcidos e acaba por provocar a morte dos seus entes queridos em prol de uma busca que supõe pioneira, inédita, a criação da vida. Um personagem também muito complexo e dotado dessa mesma obsessão extrema é Aylmer, personagem do conto *The Birth Mark* (O sinal de nascença) de Nathaniel Hawthorne. Assim como Ahab, Aylmer acaba provocando a morte de uma pessoa, sua esposa, em busca da perfeição só para realizar algo que lhe deixaria bem, sem levar em consideração a vontade e os desejos da sua companheira e sim, os seus próprios.

Em cima dessas características apresentadas pelas três personagens dentro do fato de que eles também prejudicam quem está a sua volta e não só a si mesmo, que citaremos outra passagem da tese de PANDOLFI, 2006, para dar mais ênfase:

Sendo o herói byroniano uma figura marcada pela fatalidade e que dissemina a destruição aos que se aproximam dele, seu relacionamento com a amada, sua vítima, será um pesadelo demoníaco. A maldição que pesa sobre ele irá arrastar consigo todas as mulheres que cruzarem sua órbita, como a escrava Zoraida, Leonor e a própria irmã de Saldaña, Elvira (PANDOLFI, 2006, p.150).

Há outro fato muito interessante e comum entre as três personagens (Ahab, Aylmer e Victor) que nos instiga a seguir comparando-os cada vez mais, pois o fato de Ahab querer matar a baleia (representação da natureza), Aylmer buscar a beleza perfeita para sua esposa e Victor querer criar vida rompendo com os limites éticos, nos induz a pensar que eles não aceitam a ordem natural das coisas, desafiando a natureza e brincando de ser Deus, assim como todos aqueles que blasfemam contra Deus, ambos os três são punidos no final.

Não podemos afirmar que Melville e Hawthorne, apesar de serem amigos, assim como Shelley e Brontë, inspiraram-se na teoria de “herói byroniano” para montar suas personagens, mas não podemos deixar de citar tais semelhanças. Coincidências? Talvez, porém as três personagens são fortes, marcantes e de muita expressão, atraindo o leitor para a trama. Não é por acaso que eles são personagens centrais. Apesar dessas características aparentemente construírem um vilão, esses tipos de personagens sempre enriquecem suas tramas.

6. CONSEQUÊNCIAS DA INCONSEQUÊNCIA

Com a finalidade de melhor defender nossos argumentos, assim como fizemos nos tópicos anteriores, deixemos mais claras as ideias aqui apresentadas. Então, definindo o termo *consequência* segundo o Dicionário *Houaiss*, temos:

1. Algo produzido por uma causa ou freq. seqüente a um conjunto de condições; efeito, resultado; 2. Algo produzido por uma causa ou freq. seqüente a um conjunto de condições; efeito, resultado e 3. Efeito de grandes proporções; influência, transcendência, importância (HOUAISS, 2007).

Em contrapartida, temos a definição de “inconsequência”:

1. Conclusão, inferência que não deriva de ou não condiz com um raciocínio lógico; caráter de uma proposição que é apresentada como resultante de outra, da qual não decorre; 2. Falta de lógica, de nexos, no pensamento, nas palavras, na conduta; incoerência, contradição, incongruência; 3. Falta de reflexão ou de responsabilidade; irresponsabilidade, leviandade, imponderação; 4. Manifestação dessa falta de lógica, incoerência, irreflexão ou irresponsabilidade. (op.cit.)

Sendo assim, compartilhamos com as ideias das definições apresentadas, que a nosso ver condizem exatamente com o comportamento apresentado por Ahab. Notamos, durante este estudo, que por causa de seu comportamento obsessivo, movido pela sede de vingança, Ahab acaba extrapolando os valores éticos e morais; valores esses que contribuem essencialmente para a vida em harmonia na sociedade e, ao final do romance, têm uma conclusão sobre as ações inconsequentes que ele proporcionou.

Ora, todos sabem que, como diz o adágio popular, “aqui se faz, aqui se paga” e com Ahab não foi diferente, colheu o que plantou e pela a irresponsabilidade de seus atos acabou por provocar a morte de todos a bordo do navio. Ao ser tirano, Ahab assumiu o risco de tomar as decisões sozinho e sem ouvir aqueles que estavam em sã consciência, sem conselhos e sem buscar uma segunda opinião. Starbuck vinha sempre retrucando e fazendo ponderações sobre suas ações, mas já fora de si, e num estágio mais avançado de perturbação mental, ele já não responde consciente pelos os seus atos. Vejamos uma fala de Starbuck a Ahab: “Venho informá-lo de que temos vento favorável. Mas, favorável para que? Favorável para a morte e condenação... Isto é, favorável pra Moby Dick. É um vento favorável que só favorece a esse maldito peixe (MELVILLE, 1998, p.580)”.

Mais adiante Starbuck continua fazendo ponderações a todas as ações errôneas tomadas anteriormente pelo capitão:

Por acaso, não afirma que o desfará os mastros em nenhuma tormenta? Não atirou ao chão o seu quadrante celeste? E nestes mares perigosos não procura o caminho tateando, sem mais, apenas pelo cálculo da posição da lousa da bitácua, tão sujeita erros? E durante o tufão não jurou que não queria saber de pára-rios? Suportaremos tranquilamente que este velho louco arraste consigo, para a perdição, todos os que estão a bordo? Se este navio tropeçar com algum perigo mortal seria o assassino traiçoeiro de trinta homens ou mais, e minha alma jura que o navio, se Acab fizer uma das suas, encontrará esse perigo mortal. Porém, se alguém o pusesse agora de lado, ele já não poderia cometer o crime. Sim. Fala em sonhos? Dormindo? Sim, mas está vivo ainda e bem depressa despertará. Não posso suportar-te velho! A nenhuma razão, a nenhum protesto, a nenhum rogo queres dar atenção. Zombas de tudo. Tudo o que respiras é a obediência cega a tuas ordens cegas. Sim, e dizes que todos os homens juraram o teu juramento, dizes que todos nós somos Acab. Deus não o queira!... (MELVILLE, 1998, p.581).

Buscando explicações para o comportamento de Ahab, orgulhoso e sempre inflexível, um tirano que se recusa a recuar, sem medir as suas ações inseqüentes mesmo ao ser alertado por outras pessoas, encontramos uma explicação plausível para tal comportamento em Carlos Byington, que identifica pessoas com as características psicológicas de *Ahab* como portadoras de um “estado de onipotência”:

O chamado de “estado de onipotência” se refere à conduta sombria, cuja inadequação pode ter conseqüências desastrosas. Há na onipotência um estado especial do ego que propicia a conduta sombria. Esse estado especial endiabrado do ego se dá ao ser dominado pela sombra. A consciência está indiscriminada e julga senhora da situação, não está, porque, em realidade, o símbolo que determina a ação está nesse momento agindo na sombra (BYINGTON, 1988, p.67).

Mais adiante, acrescenta ainda Byington que

A onipotência é o exagero, a falta de humildade, a soberbia, é a *hubris* pela qual os gregos eram irremediavelmente castigados por seus deuses. Simbolicamente, isto quer dizer que a onipotência é uma das formas mais significativas do ego operar

inadequadamente e infringir sua função arquetípica. Na onipotência, o ego trai ou perde sua condição de ego. Ao ultrapassar seus limites, perde sua discriminação e o seu bom senso (BYINGTON, 1988, p.68).

Aproximando o discurso de Ahab da definição de Byington, citemos um trecho onde o endiabrado capitão chega a demonstrar com soberba a sua falta de humildade. Ele se aproveita um fenômeno natural que consiste numa descarga eletroluminescente provocada pela ionização do ar num forte campo elétrico provocado pelas descargas elétricas – o fogo de Santelmo ou fogo de São Elmo – para dizer que se trata de um sinal de Deus para que eles sigam em frente com objetivo de matar a baleia:

- Sim, marinheiros – disse Ahab -, olhem-na, fixem-na bem. A chama branca nos alumia o caminho para chegar até a baleia branca... Passem-me esses elos do mastro grande. Quero sentir o seu pulso e deixar que o meu se agite contra eles. Sangue contra fogo. Assim!”(MELVILLE, 1988, p.572).

Ahab, na tentativa de fortalecer suas idéias e garantir que todos continuem seguindo seu objetivo mortal, segue blasfemando contra Deus, proclamando-se iluminado, escolhido por Ele, a fim de atingir um propósito que vai de encontro aos desígnios divinos. Ora, como o Senhor iria permitir que uma pessoa assassinasse um ser da sua própria criação? Porém são essas atitudes de Ahab que nos induzem a concluir que ele não está em si, em sua consciência. Vejamos um trecho do seu delírio:

Ainda que sejas luz, saís da obscuridade; porém eu sou a escuridão que saí da luz, de ti! Cessem os dardos; abram-se os olhos! Vêm ou não? Ali ardem as chamas! Ó tu, magnânimo. Agora me glorio da minha genealogia. Porém és o meu pai ígneo! A minha doce mãe? Não o sei, ó cruel! Que fizeste com ela? É este o meu problema, mas o teu é maior. Não sabes como vieste, por isso te dizes não gerado. Não conheces de certo tua origem, por isso te chamas sem princípio. Eu sei de mim o que não sabes de ti mesmo, ó tu, onipotente (MELVILLE, 1998, p.573).

Essa atitude oportunista do capitão incomoda o seu imediato, Starbuck, que sendo o mais sensato a bordo, não se conforma com aquela situação, prevendo um desastre se acaso seguirem em frente com esse desejo incontrolável de matar Moby Dick. Mais uma vez Starbuck insiste que a viagem não deva prosseguir e alerta para as consequências dessas ações de alguém quase à beira da loucura. Agindo como um verdadeiro líder que pensa na integridade da vida de todos, Starbuck enfrenta Ahab:

- Deus está contra ti, velho. Domina-te. É uma viagem nefasta: mal começada, mal continuada. Deixa-me brincar enquanto é tempo, e aproveitar o vento favorável que nos levará ao regresso a pátria, onde poderemos logo iniciar outra viagem melhor do que esta (MELVILLE, 1998, p.574).

A tripulação, ao ver toda aquela situação entre Starbuck e o capitão, fica sem saber o que fazer, pois todos eles fizeram um juramento de sangue comprometendo-se a matar a baleia. Há outro agravante que os deixam surdos e mudos: o desejo em receber aquele o dobrão de ouro prometido por Ahab no início da viagem maldita. Ahab, manipulador, chantagista e com um poder de persuasão incrível, usa isso contra eles, para que não deixem de acreditar nos seus sonhos, e que mesmo desolados, continuam seguindo para a morte:

Os marinheiros fizeram seus, neste momento, todos os seus pensamentos apavorados do piloto: soltaram um grito meio sedicioso. Então Acab atirou no convés os elos dos pára-raios e agarrando o arpão ardente agitou-o entre eles como uma tocha, ao mesmo tempo que jurava castigar o primeiro que soltasse a extremidade de um cabo. Petrificados por seu aspecto e aterrorizados ainda mais pelo dardo ígneo que ele brandia, os marinheiros retrocederam desalentados.

- todos os juramentos que fizeste de caçar a baleia branca vos ligam como o meu juramento me ligam a mim, e o velho Acab está preso de coração, alma, corpo, pulmões e vida. E para que saibais com que ritmo palpita este coração, olhai para cá: assim apago eu o último juramento (MELVILLE, 1998, p.574).

Em dado momento do romance, Starbuck fala dessa habilidade que Ahab tem de persuadir e dominar as pessoas que o cercam e ele próprio fica surpreso ao se dar conta de como também foi persuadido e teve sua razão posta abaixo:

Porém ele me domou inteiramente e destruiu a minha razão! Compreendo o seu ímpio, mas sinto que devo ajudá-lo a alcançar o seu objetivo. Queira ou não queira, algo de inefável, que não posso evitar, ligou-me a ele. Reboca-me com seu calabrote e não tenho faca para cortá-lo. Horrendo velho! Quem há acima de mim? - exclama. Sim, ainda que fosse um democrata, estaria acima de todos nós. Vede como domina todos os que estão abaixo! Oh! Vejo claramente o meu miserável ofício.

(MELVILLE, 1998, p.205)

De nada adiantam as tantas ponderações feitas por Starbuck. O velho capitão, envenenado pela ideia de vingança contra a baleia, não mede esforços para gastar seus únicos alentos em lutar contra Moby Dick até a morte, mesmo que a luta seja desigual. Desprovido da mais essencial virtude de um líder, a humildade, e extasiado pela soberba, não se sente pequeno, pois nesse estado de onipotência, como defende Byington, a pessoa se acha acima de tudo e de todos, o centro do seu universo. Com isso Ahab leva à morte toda a tripulação, exceto Ismael - que sobrevive para contar a história.

As consequências das atitudes e escolhas inconsequentes tomadas por Ahab desde que coloca seu objetivo acima do bom senso e da realidade, quebrando todos os valores éticos e morais de uma relação com seus subordinados, significa a sua própria morte e as daqueles que o seguiram na caçada. O resultado de tudo isso é, como diz a sabedoria popular, que “colheu o que plantou”. Vejamos o tiro de misericórdia disparado por Ahab:

Navio glorioso na desgraça! Está condenado, pois, a perecer sem mim? Fiarei privado até mesmo da última e querida satisfação, que é dada ao mais infeliz dos capitães naufragos? Oh! Morte solitária de uma vida solitária! Sim, agora compreendo que a minha maior grandeza reside na minha maior dor. Sim, sim! Dos vossos limites mais remotos, chegais agora aos borbotões, ondas audazes de toda a minha vida passada, e cobris a crista dessa onda da minha morte! Avanço para ti, ó cachalote destruidor e invencível, até o último instante luto contigo. Do coração do inferno te apunhalo e por ser tão grande o ódio que me inspiras, cuspo sobre ti o meu último alento, que todos os ataúdes e féretros se afundem numa vala comum; já que nenhum poderá ser meu, deixem-me ser rebocado aos pedaços, para continuar a perseguir-te, conquanto preso a ti, cachalote maldito! Assim entrego a minha lança (MELVILLE, 1998, p.645).

Essa missão suicida já era uma tragédia anunciada, mas para uma pessoa obsessiva e vingativa, o prazer momentâneo de um confronto com o inimigo se sobressai aos outros e parece não importar o resultado, se vence ou se perde, como podemos perceber em Ahab. O que mais lhe perturba na trama é ver a baleia depois de muitos anos após o seu acidente, o que aumenta a sua vontade de lutar a todo custo contra ela e assim mostrar sua força.

Mas sua inconseqüência o priva de tomar atitudes mais sensatas e pensadas, não engendra ao menos um plano, uma estratégia de combate, não age com responsabilidade, como um líder que tem sobre sua tutela homens que por sua vez são chefes de família. Em momento algum isso é levado em consideração pelo velho capitão mutilado física e psicologicamente. O narrador define bem este fato nas linhas finais do romance:

E assim a ave do céu, com gritos de arcanjo, o bico imperial erguido para cima, e toda a sua forma cativa envolta na bandeira de Acab, afundou com o navio, o qual, como satã, não quis descer ao inferno sem arrastar consigo uma parte do céu, para lhe servir de elmo (MELVILLE, 1998, p.646).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as ideias defendidas anteriormente neste artigo, podemos perceber que quando colocamos um objetivo ou desejo insaciável de maneira obsessiva e egoísta, acima de tudo e de todos, sem levar em consideração as relações interpessoais e o mundo em nossa volta, colocamos em risco tudo o que foi construído ao longo da vida: nosso caráter, nosso *status*, nosso respeito, nossos amigos, nossa contribuição à sociedade, nosso trabalho, etc. Sendo comparado a um louco e a um desequilibrado, toda sua história de luta e conquistas que foram construídas ao longo do tempo são jogadas facilmente ao vento.

Ahab ultrapassa todos os limites aceitáveis da ética e do respeito pela figura humana, inclusive pela sua própria, rompendo com todos os valores morais em prol da sua vingança obsessiva. Poderíamos então perguntar: será que tudo isso valeu a pena para ele?

Talvez sim, pois uma pessoa nesse estado obsessivo, quase beirando a loucura, tem

seu desejo saciado ao enfrentar seu objeto de vingança, mesmo que não tenha tido o sucesso esperado. As pessoas em sã consciência não aprovariam a atitude de Ahab, ao levar toda a sua tripulação à morte, inclusive acabando com sua própria vida. Seu comportamento egoísta e mesquinho é definitivo para o trágico destino do seu navio junto com seus tripulantes. Ahab não mede as consequências de seus atos insanos e inconsequentes, ou seja, não mede a força que esses atos provocarão em todos ao seu redor e a si mesmo, levando a todos esses acontecimentos inglórios.

Quando agimos sem medir as consequências não podemos esperar bons resultados, até por que, como diz a sabedoria popular, “Colhemos o que plantamos!”. Finalizando, podemos dizer que pessoas com o comportamento obsessivo, obsessivo-compulsivo, cegas de vingança e com um desejo incontrolável deixam de dar importância a tudo que está ao seu redor, ou seja, todo o resto deixa de existir. Na nossa vida nos são dadas escolhas e o seu desfecho depende da escolha certa. Ahab viveu e morreu como um obcecado, sua escolha provou-se errada. Como diria o escritor inglês Samuel Johnson, “não importa como um homem morre, mas como ele vive. O ato de morrer é sem importância, já que dura um curto período de tempo”.

REFERÊNCIAS

BRONTË, Emily. *O Morro dos Ventos Uivantes*. São Paulo: Círculo do Livro S/A. Edição Integral, 1985.

BYINGTON, Carlos. *Estrutura da Personalidade : Persona e sombra*. São Paulo: Ática, 1988.

CAVALCANTE, Maria Imaculada. *A presença do byronismo na produção literária de Alvares de Azevedo*. Artigo. Universidade Federal de Goiás (UFG). RevLet – Revista Virtual de Letras: volume 1, 1/2009. ISSN – 2176-9125.

FREUD, Anna. Obsessional neurosis: A summary of Congress views. *International Journal of Psychoanalysis*, 47, 116-122, 1966.

FREUD, Sigmund. Heredity and the etiology of the neuroses. *SE*, 3: 141-156, 1896.

HAWTHORNE, Nathaniel. *Os melhores Contos de Nathaniel Hawthorne*. São Paulo: Círculo do livro. Editora Cultrix, 1987.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 2,0. Editora Objetiva. Rio de Janeiro, 2007.

KAY, Jerald, M.D., and Allan Tasman, M.D. eds. "Obsessive-Compulsive Disorder." In *Psychiatry: Behavioral Science and Clinical Essentials*. Philadelphia: W.B. Saunders Company, 2000.

MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. Trad. Berenice Xavier – texto sobre o autor e a obra por Rachel de Queiroz – Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

MESQUITA, Raul; DUARTE, Fernanda. *Dicionário de Psicologia*. Plátano Editora. 1ª Edição, 1996.

PANDOLFI, M. A. *Leituras e releituras românticas: José de Espronceda e Álvares de Azevedo*. Tese (Doutorado em Letras) — Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2006.

BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, Revista. "Transtorno Compulsivo-Obsessivo". Volume 22. s.2. ISSN - 1516-4446. São Paulo, 2000.

VEJA, Revista. "Mais um soco na democracia? Editora Abril. Edição 1878, nº 44, ano 37, 2004.

http://lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=531550- Acesso em 20/07/2011

<http://www.minddisorders.com/Ob-Ps/Obsessive-compulsive-disorder.html>- Acesso em 18/04/2011

<http://www.enotes.com/psychoanalysis-encyclopedia/obsession> - Acesso em 19/03/2011